

U  
M ESTUDO E  
M  
VERMELHO



**EU  
LEIO**



# **UM ESTUDO EM VERMELHO**

**Arthur Conan Doyle**



Tradução

**Heloisa Jahn**

Apresentação e apêndice

**Marcos Rey**

**TEXTO  
INTEGRAL**

**ea**  
editora ática

Esta edição possui o mesmo texto ficcional das edições anteriores.

Título original: *A study in scarlet*

Título da edição brasileira: *Um estudo em vermelho*

**GERENTE EDITORIAL** Fabricio Waltrick  
**EDITORA ASSISTENTE** Fabiane Zorn  
**EDIÇÃO DE TEXTO E REDAÇÃO DE NOTAS** Leandro Quintanilha  
**COORDENADORA DE REVISÃO** Ivany Picasso Batista  
**REVISORAS** Alessandra Miranda de Sá e Cláudia Cantarin

**ARTE**

**PROJETO GRÁFICO** Ludo Design  
**CAPA E ILUSTRAÇÕES** Diego Patiño  
**COORDENADORA DE ARTE** Soraia Scarpa  
**ASSISTENTE DE ARTE** Thatiana Kalaes  
**DIAGRAMAÇÃO** Ludo Design  
**TRATAMENTO DE IMAGEM** Cesar Wolf, Fernanda Crevin  
**PESQUISA ICONOGRÁFICA** Evelyn Torrecilla

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

D784  
8.ed.

Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930  
Um estudo em vermelho / Arthur Conan Doyle ; tradução  
Helôisa Jahn ; apresentação e apêndice Marcos Rey ;  
ilustração Diego Patiño. - 8. ed. - São Paulo : Ática, 2012.  
168 p. : il. - (Eu Leio)

Tradução de: *A study in scarlet*  
"Texto integral"  
Inclui apêndice e bibliografia  
ISBN 978-85-08-16192-8

I. Literatura infantojuvenil inglesa. I. Jahn, Heloisa, 1947-.  
II. Patiño, Diego. III. Título. IV. Série.

12-7560.

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

---

ISBN 978 85 08 16192-8 (aluno)  
ISBN 978 85 08 16193-5 (professor)  
Código da obra CL 738352

2014

8ª edição

2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | CEP 02909-900 | São Paulo | SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# SUMÁRIO

Apresentação **7**

## Parte I

(Sendo uma reimpressão das reminiscências do dr. John H. Watson, ex-membro do Departamento Médico do Exército.)

- I O sr. Sherlock Holmes **13**
- II A ciência da dedução **23**
- III O mistério da Lauriston Gardens **34**
- IV O que John Rance tinha para contar **46**
- V Nosso anúncio rende uma visita **54**
- VI Tobias Gregson mostra o que é capaz de fazer **62**
- VII Luz nas trevas **72**

## Parte II

### A Terra dos Santos

- VIII No imenso deserto do Lago Salgado **85**
- IX A flor do Utah **97**
- X John Ferrier fala com o Profeta **105**
- XI Fugindo para salvar a vida **111**
- XII Os Anjos Vingadores **121**
- XIII Continuação das reminiscências do dr. John Watson **131**
- XIV Conclusão **144**

Conan Doyle: Como se fabrica um detetive **151**

Bibliografia **163**



# BAKER STREET, 221B: O ENDEREÇO DE UM BONÉ, DE UMA LUPA E DE UM CACHIMBO

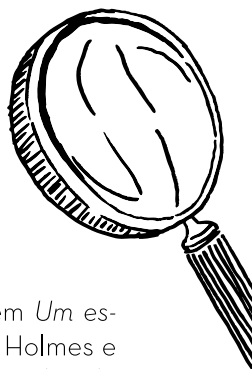


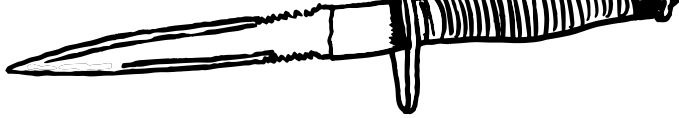
Primeiro romance escrito por Arthur Conan Doyle, em *Um estudo em vermelho* já aparecem as figuras de Sherlock Holmes e do dr. Watson. A obra surgiu em folhetim, segundo a moda editorial da época. Depois os capítulos foram reunidos num volume, em 1887. Neste livro marcante, com mais de um século de vida, Conan Doyle procura juntar suas duas tendências literárias: a policial e a histórica ou de aventuras. O romance se passa em parte na Inglaterra e em parte nos Estados Unidos, em Salt Lake City, a capital religiosa dos mórmons, num período em que os pregadores dessa crença defendiam a poligamia, o que provocou até a intervenção do Exército na cidade.

Já nesse romance as aventuras de Sherlock Holmes assumem a forma de memórias do dr. Watson, o narrador efetivo de toda a obra. O formato memorialista foi bem escolhido porque possibilitou o tom íntimo, coloquial das narrações, além da credibilidade assegurada pelo respeitável médico, formado na Universidade de Londres.

Outro acerto de Conan Doyle foi situar sua história inicial parcialmente nos Estados Unidos, bem no centro de um problema existente no país, o dos conflitos religiosos. Isso deve ter facilitado a divulgação do nome do autor na América, onde ele sempre alcançou um êxito notável.

Neste *Um estudo em vermelho* aparecem também pela primeira vez as hoje manjadas brigas entre os detetives particulares



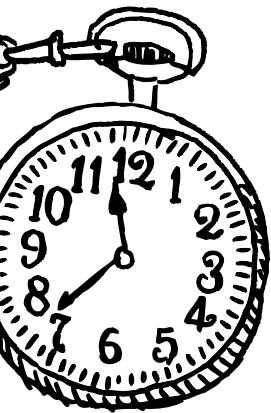


e os da polícia, que o cinema ainda explora. Sherlock trata bem Gregson e Lestrade, da Scotland Yard, mas considera ambos tolos e incapazes. O investigador particular e a polícia nunca caminham na mesma trilha, embora os detetives do sistema sejam sempre os que levam as honras da solução dos enigmas. Mais um clichê que o inventivo Conan Doyle criou e que ainda rende dividendos.

Vocês vão ler uma história de vingança intercontinental. Um romance extremamente tenso, desses que exigem respiração curta e nervosa. Seu grande valor, porém, está no marco que representa como introdutor de Sherlock Holmes e do seu instigante processo dedutivo. Há milhões de histórias policiais, mas vejam como elas começaram, de onde a maioria se originou, qual foi a fonte de inspiração. Isso já não é apenas ler, entreter-se, mas conhecer literatura, estar bem informado e assim ganhar o direito de opinar.

E, se gostarem de *Um estudo em vermelho*, escrevam para Baker Street, 221B, Londres, Inglaterra, residência do detetive. Dizem que muitos ainda fazem isso.

**Marcos Rey**





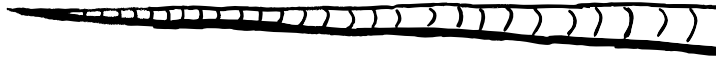
**UM  
ESTUDO  
EM VERMELHO**





# **PARTE I**

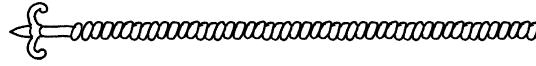
(Sendo uma reimpressão das  
reminiscências do dr. John H.  
Watson, ex-membro do  
Departamento Médico  
do Exército.)







## O SR. SHERLOCK HOLMES



No ano de 1878 formei-me doutor em medicina pela Universidade de Londres e rumei para Netley com o objetivo de acompanhar o curso destinado aos médicos do Exército. Depois de completar meus estudos, fui devidamente incorporado ao Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland na qualidade de médico assistente. Na época o regimento estava estacionado na Índia; antes de eu conseguir chegar lá, estourava a segunda guerra afegã. Ao desembarcar em Bombaim, fiquei sabendo que minha unidade havia atravessado os desfiladeiros, internando-se em território inimigo. Isso não me impediu de ir atrás, acompanhado de muitos outros oficiais na mesma situação. Consegui chegar a Candahar em segurança; lá encontrei meu regimento e imediatamente assumi minhas novas funções.

Para muitos a campanha resultou em promoção e honrarias; para mim, no entanto, ela representou apenas infortúnio e desastre. Fui removido de meu regimento e incorporado ao Regimento de Berkshire, com o qual servi na fatídica batalha de Maiwand. Nessa batalha fui atingido no ombro pela bala de um *jezail*<sup>1</sup>, que esmigalhou o osso e pegou de raspão a artéria subclavicular. Eu teria caído prisioneiro dos terríveis *ghazis*<sup>2</sup> não fosse



1 *jezail*: rifle afegão, longo e pesado. (N.T.)

2 *ghazis*: guerreiros muçulmanos. (N.T.)

a devoção e a coragem de Murray, meu ordenança, que me jogou no lombo de um cavalo de carga e conseguiu me levar com vida para trás das fileiras britânicas.

Abatido pela dor e debilitado em decorrência das prolongadas privações, fui transportado, juntamente com um longo cortejo de sofreadores feridos, para o hospital da base de Peshawar. Lá fui recuperando as forças. Já estava bem melhor — em condições de andar pelas enfermarias e até de tomar um solzinho na varanda — quando fui colhido pela febre tifoide<sup>3</sup>, essa maldição de nossas colônias hindus.

Durante meses minha vida foi considerada perdida; quando finalmente voltei a mim e entrei em convalescença, estava tão fraco e encovado que uma junta médica determinou que nem um dia mais deveria passar-se sem que me mandassem de volta para a Inglaterra. Em decorrência, fui despachado pelo *Orontes*, um navio de transporte de tropas, e um mês mais tarde, com a saúde irremediavelmente arruinada, mas autorizado por um governo paternal a passar os nove meses seguintes tentando melhorá-la, punha pé em terra no cais de Portsmouth.

Eu não tinha ninguém por mim na Inglaterra e por isso era livre como o vento — pelo menos tão livre quanto uma renda de onze xelins e seis *pence* por dia permite que um homem seja. Nada mais natural que gravitasse para Londres, essa grande fossa sanitária para onde se escoam irresistivelmente todos os vadios e desocupados do Império. Lá permaneci durante algum tempo, num hotel particular do Strand, levando uma existência sem conforto e sem sentido e gastando todo o dinheiro que tinha, consideravelmente mais do que devia gastar. Minhas finanças atingiram um estado tão alarmante que em pouco tempo percebi que ou deixava a metrópole e me enfiava em algum cafundó no interior, ou mudava por completo meu estilo de vida. Tendo escolhido a segunda alternativa, comecei por me decidir a abandonar o hotel para fixar domicílio num lugar menos pretensioso e mais barato.

No mesmíssimo dia em que cheguei a essa conclusão, estava eu parado no Criterion Bar quando alguém bate no meu



3 **febre tifoide:** doença infectocontagiosa. (N.E.)

ombro e, ao virar-me, tenho a surpresa de reconhecer o jovem Stamford, que no Bart's<sup>4</sup> fora meu assistente. Para um homem solitário como eu, a visão de um rosto amigo na grande selva de Londres foi uma coisa realmente muito agradável. Nos velhos tempos Stamford não tinha chegado a ser grande amigo meu, mas naquele momento saudei-o com entusiasmo, e ele, por sua vez, pareceu encantado com o encontro. Na exuberância de minha alegria convidei-o a almoçar comigo no Holborn, e lá nos fomos os dois num cabriolé<sup>5</sup>.

— O que você anda fazendo da vida, Watson? — perguntou ele, sem disfarçar o espanto, enquanto sacolejávamos pelas ruas apinhadas de Londres. — Você está magro feito um sarrafo e marrom de tanto sol!

Fiz-lhe um breve resumo de minhas aventuras e mal tinha chegado ao fim quando atingimos nosso destino.

— Pobre-diabo! — disse ele, penalizado, depois de ouvir meus infortúnios. — E agora, em que anda metido?

— Ando atrás de um lugar para morar — respondi. — Estou tentando descobrir se é possível achar aposentos confortáveis por um preço módico.

— Que coincidência! — observou meu companheiro. — Você é a segunda pessoa a falar comigo hoje utilizando essa expressão.

— E quem foi a primeira? — perguntei.

— Um sujeito que está trabalhando no laboratório químico lá do hospital. Hoje de manhã ele estava se lamentando porque não conseguia uma pessoa com quem dividir um apartamento excelente que encontrou, só que caro demais para o bolso dele.

— Puxa! — exclamei. — Se ele quer mesmo uma pessoa para dividir o apartamento e os gastos, aqui está o homem certo. Prefiro, de longe, morar com outra pessoa a morar sozinho.

O jovem Stamford me lançou um olhar muito estranho por cima da borda do cálice.

— Você ainda nem conhece o Sherlock Holmes! — observou. — Sabe-se lá se ia gostar de tê-lo como companhia constante!



4 **Bart's**: Saint Bartholomew's Hospital, de Londres, um famoso hospital-escola. (N.T.)

5 **cabriolé**: carroça conversível, de duas rodas, puxada por um único cavalo. (N.E.)

— Por quê? Ele tem algum problema?

— Não estou dizendo que tenha. Só que acho as ideias dele meio esquisitas. Tem mania por certos campos da ciência. Mas que eu saiba é um sujeito correto.

— Estudante de medicina, imagino... — disse eu.

— Não. Não faço ideia de quais sejam seus planos de futuro. Tenho a impressão de que ele entende muito de anatomia, é um químico de primeira, mas, que eu saiba, jamais seguiu um curso regular de medicina. Seus estudos são desorganizados e excêntricos, mas seus conhecimentos informais são tantos e tão variados que os professores iriam ficar de queixo caído.

— Você nunca perguntou a ele em que pretende se especializar? — perguntei.

— Não; ele não é homem de se abrir fácil, embora consiga ser muito comunicativo quando lhe dá na telha.

— Eu gostaria muito de conhecê-lo — disse eu. — Se vou morar com alguém, prefiro que seja um homem dedicado aos estudos, sossegado. Ainda não estou forte que chegue para aguentar muito barulho, muita agitação. Barulho e agitação tive de sobra no Afeganistão, em dose suficiente para o restante dos meus dias. Como faço para encontrar esse seu amigo?

— Neste momento, com certeza ele está no laboratório — respondeu meu companheiro. — Das duas uma: ou evita o lugar durante semanas, ou trabalha lá da manhã à noite. Se você quiser, damos uma passadinha lá depois do almoço.

— Ótimo — respondi, e a conversa tomou outro rumo.

Enquanto nos dirigíamos para o hospital depois de sair do Holborn, Stamford me forneceu alguns outros detalhes sobre o cavalheiro com quem eu planejava dividir um apartamento.

— Se não der certo, não vá dizer que a culpa é minha — disse. — Pouco sei sobre ele, só o que ele me disse nas poucas vezes em que nos encontramos no laboratório. Você é que teve a ideia de dividir o apartamento: depois não vá dizer que o responsável fui eu.

— Se não der certo é só cada um ir para o seu lado — respondi. — Estou com a impressão, Stamford — acrescentei, olhando firme para meu companheiro —, de que você tem algum motivo para estar querendo lavar as mãos do assunto. Por acaso esse